

EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE PESSOAS LGBTQIA+ EM SUAS TRAJETÓRIAS ESCOLARES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tatiana do S. Corrêa Pacheco¹
Matheus Augusto Ribeiro Soares²
Dayana Viviany Silva de Souza Russo³

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa que investigou as experiências educativas de pessoas LGBTQIA+ em suas trajetórias escolares na educação básica. A pesquisa teve como foco central analisar a realidade escolar vivenciada pelas pessoas LGBTQIA+ e de problematizar sobre as questões históricas e culturais que fazem parte de suas experiências educativas. Adotamos como procedimento para a coleta dos dados, a História Oral temática, tendo como base as orientações de Meihy e Holanda (2015), em que o foco neste tipo de procedimento está voltado para apreensão das narrativas de pessoas que vivenciaram determinada experiência social, ou seja, todo o planejamento da pesquisa está voltado para um fato a ser investigado. As narrativas de memórias foram buscadas por meio de entrevista semiestruturada, acompanhada de roteiro que orientou a condução da atividade visando aos objetivos propostos. O *corpus* da pesquisa foi organizado em eixos temáticos para que a singularidade das experiências apreendidas fosse evidenciada em seus aspectos comuns, formando um corpo analítico em que as experiências pessoais refletem a dimensão social das experiências educativas dos participantes da pesquisa. Os dados dialogaram com autores como Louro (2000), Foucault (1988), Freire (2000). Os resultados desse estudo indicam que as experiências de pessoas LGBTQIA+ na educação básica foram marcadas pelo preconceito, fazendo com que os estudantes acionassem estratégias e mecanismos pessoais para que pudessem permanecer no espaço escolar e assim lidar com o preconceito que foi vivenciado na escola. A pluralidade das experiências destacadas neste estudo aponta para a urgente e permanente necessidade da temática ser trabalhada nas escolas e nos cursos de formação de professores para que outras relações e práticas sejam vivenciadas pelos diferentes sujeitos que compõem o espaço escolar.

¹ Pedagoga pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Alfabetização Infantil pela UEPA. Mestre e Doutora em Educação pelo PPGED/ICED/UFPA. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia-GEDAM, em que coordena a linha de pesquisa: Infâncias, experiências e práticas educativas na Amazônia. Vice coordenadora do Núcleo de pesquisa Infâncias Amazônicas: Arte, Cultura e Educação de crianças em diferentes contextos (NUPEIA/UFPA) – tatiana.pacheco@ufra.edu.br

² Graduado em Letras com habilitação em língua portuguesa na Universidade Federal Rural da Amazônia. Mestrando em estudos linguísticos pelo programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Pará – matheusars2001@gmail.com

³ Pedagoga pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre e Doutora em Educação (PPGED/UFPA). Professora da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia (GEDAM) e no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo na Amazônia (GEPERUAZ). Coordenadora do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação do Campo e Agroecologia na Amazônia (MOTIRÔ/UFRA). E-mail: dayana.souza@ufra.edu.br.

PALAVRAS-CHAVE: Experiências educativas. Trajetórias escolares de LGBTQIA+. Educação básica.

INTRODUÇÃO

“Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo”. Esse é o título da matéria que a Rede Brasil Atual, veiculou em sua página na internet no dia 12/05/2022, com base no novo relatório produzido pelo observatório de mortes e violências contra LGBTQIA+. Essa realidade corrobora com a afirmação de que o Brasil é um local perigoso e inapropriado para as pessoas LGBTQIA+ viverem, uma realidade que deve ser denunciada, problematizada, debatida e enfrentada para que possamos construir uma outra realidade em que todos/as possam viver no país sem o medo da morte.

A educação como instância de grande importância na construção de uma outra realidade, pode e deve contribuir efetivamente para a mudança, para a transformação social em que a violência, o preconceito, a discriminação deem espaço para novas relações em que o diálogo, o respeito, a escuta se tornem força permanente, pois, como nos ensinou Freire (2000, p. 09) “[...] não há cultura nem história imóveis. A mudança é uma constatação natural da cultura e da história [...]”. O pensamento do autor reforça a necessidade cada vez maior de realizarmos diálogos e reflexões sobre as diferenças em nossa sociedade.

É com a força e o reconhecimento da politicidade da temática que inspirados em Paulo Freire anunciamos este estudo que faz parte do projeto intitulado Educação e diversidade na Amazônia: histórias, memórias e experiências educativas na educação básica, vinculado ao Grupo de Pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia/GEDAM. O estudo teve como foco central investigar por meio das narrativas de memórias as experiências educativas e as relações vivenciadas por ex-estudantes nas suas trajetórias como alunos da educação básica em função de sua consideração como pessoa “diferente”, com a finalidade de analisar a realidade escolar vivenciada por esses sujeitos e de problematizar sobre as questões históricas e culturais que fazem parte das experiências educativas de pessoas LGBTQIA+.

Apresentamos neste artigo as narrativas sobre as experiências marcantes em suas trajetórias na educação básica. As narrativas foram analisadas tendo como principais referenciais os autores: Freire (2000); Foucault (1988); Louro (2000);

As narrativas de memórias apreendidas nesse estudo indicam que as experiências na educação básica foram marcadas pelo preconceito com as diferenças, fazendo com que os estudantes acionassem estratégias e mecanismos pessoais para que pudessem permanecer no espaço escolar e, assim, lidar com o preconceito que foi vivenciado na escola. A pluralidade das experiências destacadas, neste estudo, aponta para a urgente e permanente necessidade de serem tratadas nas escolas a temática das diferenças e nos cursos de formação de professores, para que outras relações e práticas sejam vivenciadas pelos diferentes sujeitos que compõem o espaço escolar.

Um processo em que coloca o outro como parte da história, como ator central, pois, por meio das narrativas de memórias podemos encontrar as marcas de um tempo, que pelas vozes daqueles que vivenciaram relações com base nas suas diferenças, poderão estar imbricadas pelo presente, passado e nos indicando outras possibilidades de vivências e relações nas instituições educativas escolares. As experiências educativas de diferentes grupos e sujeitos sociais devem ter visibilidade, para que saiam da indiferença a que foram submetidos.

METODOLOGIA

A escolha dos procedimentos metodológicos está relacionada com a temática da pesquisa que priorizou as narrativas como fonte de investigação, por isso, a adoção da história oral temática como orientadora do processo de busca das informações. Os procedimentos referentes à História oral temática foram ancorados nas orientações de Thompson (1992), Meihy e Holanda (2015). Para Thompson (1992), o importante em História Oral é o significado social das experiências dos sujeitos, é a abertura de possibilidades de conhecer experiências daqueles que sofreram processos excludentes.

Esse procedimento, contesta os relatos oficiais que foram considerados como as únicas fontes aceitáveis e verdadeiras. Nesse processo, muda o enfoque, os protagonistas ampliam-se, a multiplicidade de sujeitos e experiências são valorizadas, colocando as pessoas que vivenciaram determinada experiência num lugar de importância, “[...] Por meio da história oral, a comunidade pode, e deve, merecer confiança para escrever a própria história [...]” (Thompson, 1992, p. 38). Esse tipo de procedimento, coloca o outro como parte da história, como ator central, pois, por meio das narrativas de memórias podemos encontrar as marcas de um tempo, que pelas vozes daqueles que vivenciaram relações com base nas suas diferenças, poderão estar imbricadas pelo presente, passado e nos indicando outras possibilidades de vivências e relações nas instituições educativas

escolares. As experiências educativas de diferentes grupos e sujeitos sociais devem ter visibilidade, para que saiam da indiferença a que foram submetidos.

A história oral temática segundo Meihy e Holanda (2015), é mais utilizada como técnica de investigação, pois, possibilita ao pesquisador uma atuação pontual quanto ao direcionamento das narrativas para um assunto específico que orienta e organiza a entrevista, com uso de um roteiro ou questionário tendo como foco central a temática investigada. Dessa forma, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 04 pessoas da comunidade LGBTQIA+, entre as idades de 22 a 41 anos. Todos os nomes atribuídos aos participantes são fictícios para preservação suas identidades.

O projeto foi cadastrado na Pró-reitoria de pesquisa da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e, na plataforma Brasil, para que fosse submetido ao comitê de ética em pesquisa, com aprovação por meio do parecer nº 4.615.079. Todos os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido e autorizaram a utilização das informações⁴. Após a leitura geral das transcrições, as narrativas foram organizadas em eixo-temático, pois a adoção desse tipo de organização possibilita evidenciar as experiências dos participantes da pesquisa como um grupo social que se relaciona em um meio marcado pelos valores e representações culturais de uma dada sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO NARRATIVAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS MARCANTES EM SUAS TRAJETÓRIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Inúmeras tentativas de apagamento do “eu” daqueles que eram considerados diferentes, foram acionados por meio da violência verbal e física no espaço escolar. As narrativas destacadas abaixo exprimem a singularidade dos acontecimentos, colocando em evidência trajetórias que falam de uma escola, de relações e experiências educativas em que não havia espaço para o diálogo, não havia espaço para que Romeu, Carla, Paulo e Rui, falassem de si, pois as percepções e significados que os outros lhes atribuíam não tinha valor social, não tinha aceitabilidade para a convivência com seus pares. Não havia espaços que “[...] desafiassem as crianças, os adolescentes, os jovens a pensar e a discutir o direito de ser diferente sem que isto signifique correr o risco de ser discriminado, punido ou, pior ainda, banido da vida” (Freire, 2001, p. 15).

⁴ Agradecemos à aluna Ana Theresa Aguiar do Curso de Letras/Língua Portuguesa da UFRA que participou da pesquisa como aluna da iniciação científica e contribuiu com o processo de coleta e transcrição dos dados.

Ao serem questionados/as sobre as lembranças de experiências marcantes vivenciadas na escola, tivemos algumas respostas que foram destacadas no quando 02.

Quadro 02: as experiências marcantes em suas trajetórias na educação básica

<p>Participante 01 Romeu</p>	<p>[...] tinha o professor de sociologia, que eu realmente odiava a aula dele porque ele fazia muita piadinha homofóbica e transfóbica, tipo, muita mesmo, que chegava a atrapalhar a aula dele porque era ridículo os comentários que ele fazia [...] problema, eu tive uma vez, com um professor, foi de química, que eu levantei, saí da aula e fui pra coordenação falar porque eu literalmente só estava encostado, Gustavo estava só encostado com a cabeça na minha costa e o professor surtou por causa disso, falando que a gente estava se agarrando na aula, sendo que a gente estava só encostado.</p>
<p>Participante 02 Carla</p>	<p>[...] E educação física pra mim, naquela época, era o terror, né, passei pela educação sempre fazendo trabalho, educação física, né, aí aproveitava. Até quando eu estava na sexta série, eu tive a felicidade de ser diagnosticada com escoliose cifose e lordose, aí o fisioterapeuta: “você tem que fazer uma ginástica corretiva, aí você já zera educação física na escola”, aí que felicidade, foi um prazer terminar.</p>
<p>Participante 03 Paulo</p>	<p>[...] Eu gostava muito de educação física, eu sempre gostei muito da educação física. Acho que era quebrando barreiras, sabe? Porque era ali que eu era desafiado. Era ali que o gay, aluno gay era desafiado, tipo aí ele é gay e não vai conseguir fazer nada que a gente faz, e era lá que eu quebrava as barreiras de todo mundo e eu fazia de graça, não gostava de fazer, mas eu fazia e sempre me saía bem. Então pra mim o melhor momento era quando eu me sentia desafiado. Naquele momento eu me sentia desafiado e eles ficavam olhando pra mim assim, sabe? “Como assim ele não era... Aí a encarnação era: “Pô, tu perdeu pro cara que é gay, tu vai ganhar de quem?”. Entendeu? então pra mim o melhor momento era quando eu tinha Educação Física..... com isso, cara, gostava de mostrar quem eu era, entendeu? [...] inclusive alguns pais, quando ficaram sabendo que eu tinha me assumido foram pra escola, né... perguntar por que estavam deixando um gay jogando bola e tal. E não era só o gay que jogava bola, era um dos gays que jogava melhor entendeu? Então pra eles aquilo era totalmente inadmissível [...] É como eu tô te falando, né. Eu tive que me destacar sempre. E aí eu tô falando de educação física, eu tô falando por exemplo de ser um dos representantes do grêmio estudantil, de ser o presidente do grêmio estudantil na época, também de ser um dos melhores alunos da escola, justamente pra mostrar que a minha sexualidade nada impede.</p>
<p>Participante 04 Rui</p>	<p>[...] mais forte mesmo, é aquele episódio quando eu estava no ensino primário, vou chamar de primário, eu estava no fundamental 1, essa chamada, digamos assim, da pedagoga, que por notar que eu era mais tímido, e afeminado, naquele momento, me chamou pra conversar, eu acho que eu tinha uns 9 anos, me chamou pra conversar e começa a fazer perguntas que nem me passavam pela cabeça pensar sobre elas, né. Hoje eu penso assim que, que era proposital aquelas perguntas ali. Me perguntava sobre o que eu achava do corpo feminino, se eu tinha desejo pelo corpo feminino, quer dizer, hoje eu vejo como absurdo fazer esse tipo de pergunta pra uma criança de 10 anos né, 9, 10 anos, não sei. Daí eu me lembro deles terem feito um laudo, escrito um laudo, e daí no laudo eu lembro de ter lido “distúrbio sexual”, eu não sabia nem o que significava aquilo, me lembro de ter ido no dicionário procurar o que que era distúrbio e tal. E tive que levar esse laudo pra minha mãe, minha mãe me levou no psiquiatra, na época. Só que eu não lembro muito bem qual foi o tratamento que o psiquiatra deu, mas eu lembro de terem me dado um medicamento que era pra ansiedade, me fazia dormir bastante aquilo.</p> <p>[...] Então esse tipo de situação né, de viado, de gozação, de xingamento, e fisicamente, eu não tive violências físicas especificamente a não ser nas aulas de</p>

	<p>educação física já no sétimo ano, jogavam muito a bola em mim, mandavam a bola pra mim e diziam “vira homem” diziam esse tipo de coisa, “deixa de ser viado”, aquela coisa assim, né. Então, eu tinha ódio disso, de jogar bola, eu detestava a aula de educação física [...] Não tenho... é, boas lembranças com relação à vivência dentro da escola da sexualidade. [...] nas aulas de educação física, pra mim era uma tortura, eu nem gostava de futebol e essas coisas. Então, eles, realmente.... Havia umas certas situações de violência mais forte, principalmente na aula de educação física, acho que era o momento que eles se empoderavam mais por causa do futebol, por causa dos esportes. Lembro de terem uma vez, de terem me acertado com uma bola, assim.</p>
--	---

Fonte: Transcrições dos alunos da iniciação científica como resultado das entrevistas realizadas pelo grupo de pesquisa GEDAM.

Destacamos inicialmente as narrativas de Paulo que demonstram o seu esforço e luta individual para que fosse aceito, para evidenciar as suas qualidades como atleta, como liderança estudantil, tentando superar o foco do olhar do outro em sua homossexualidade. O esforço de Paulo era pela sua aceitação, para provar que a sua homossexualidade não era impedimento para desenvolver as atividades que gostava e se identificava na escola. No entanto, os estereótipos e estigmas sofridos por Paulo, reforçam o quanto a pedagogia da sexualidade desenvolvida pela escola, determinava as subjetividades e práticas que eram aceitas naquele espaço institucional.

Louro (1997), ao analisar a produção escolar das diferenças, faz importantes reflexões sobre o quanto algumas áreas ou disciplinas escolares, como a Educação Física, disseminam em suas práticas diferenças de gênero, sexualidade, que reforçam atributos, características e habilidades físicas ligadas a cada sexo tendo como base as diferenças biológicas. Tais distinções produzem estigmas, estereótipos e relações preconceituosas, pois, ao corpo masculino são atribuídas características de uma masculinidade rígida, um homem forte, atlético, competitivo e que deve expressar força física nas atividades esportivas, são formas de desempenho esperados pelo corpo heterossexual, porém, não era esperado esse desempenho no corpo homossexual de Paulo.

Louro (2000) destaca que os corpos são significados pela cultura, suas formas de expressão, comportamento, são aceitos ou negados de acordo com os critérios socialmente instituídos como adequados. Um longo aprendizado que, conforme a autora, vai colocar cada um em seu lugar e, dessa forma, vamos percebendo e significando o outro, e, foi dessa forma que Romeu, Carla, Paulo e Rui, foram aprendendo a significar os seus corpos, foram se compreendendo como os que possuíam um “corpo estranho”, pois, seus corpos incomodavam. Por essa concepção, “[...] aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas formas como se expressam” (Louro, 2000, p. 12).

Os relatos de Carla e Rui sobre a violência e a exposição na disciplina de Educação Física e as de Romeu sobre as piadas, insultos e perseguição a que era submetido, reforçam a importância das reflexões sobre as questões históricas e culturais que fazem parte das experiências educativas de pessoas LGBTQIA+.

Possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (Louro, 2000, p. 14).

As aulas de Educação Física eram mais um momento em que Carla e Rui tinham que suportar a violência física e verbal, as piadas e xingamentos se configuravam como verdadeiras torturas. Esse era o momento da exposição do corpo ilegítimo, da exposição da sexualidade periférica, era o momento em que se tornavam explicitamente e individualmente visíveis, os corpos que eram considerados inaceitáveis para as práticas esportivas convencionalmente definidas para um determinado modelo de masculinidade, eram os corpos em evidência dos considerados desviantes sexuais. As narrativas corroboram com as reflexões de Louro (2000), de que a escola é um dos locais mais difíceis para se assumir a homossexualidade, por isso, a opção pelo isolamento aparece como a garantia de autoproteção mais viável.

As narrativas de memórias de Rui, destacam o processo de medicalização do seu comportamento afeminando, um corpo de criança já estigmatizado em função dos perigos e rejeição que a visibilidade que sua sexualidade produzia. Conforme Foucault (1988), esse corpo afeminado deveria ser objeto de intervenção médica, pois, é um sinal claro de degenerescência e anormalidade, e a escola, como instituição de saber e poder e em diálogo com a medicina, incorporou em seus espaços o discurso da homossexualidade patológica. As memórias de Rui expressam a vigilância da escola às manifestações corporais que não eram aceitas na normalidade instituída.

Rui, o desviante, o estranho, foi chamado na infância para falar de sua sexualidade, de seus desejos, de seus pensamentos e sensações, foi pressionado, forçado e obrigado a confessar, a dizer sobre aquilo que ainda não compreendia, deveria falar sobre o que supostamente escondia, deveria falar sobre o que tentava ocultar. A confissão em Foucault (1988), é compreendida como um ritual discursivo utilizado nas relações de poder, pois, é o momento em que aquele que quer a confissão, se impõe, intervém com o

intuito de julgar, diagnosticar, rotular, punir e encaminhar para a cura a sexualidade indesejada. Para esse autor, a confissão também é uma técnica para a produção da verdade sobre si mesmo, para que o culpado reconheça as suas fraquezas e erros e assuma a sua culpa.

A confissão, é um mecanismo de vigilância, controle e repressão utilizado pela escola para o adestramento dos corpos infantis, “[...] o controle da sexualidade infantil tenta-o através de uma difusão simultânea do próprio poder e do objeto sobre o qual se exerce [...]” (Foucault, 1988, p. 42). Este autor fala de toda uma mobilização do mundo adulto em torno do sexo das crianças a partir do século XIX, e também, do surgimento nesse período da homossexualidade como categoria médica, psiquiátrica e que vai orientar a pedagogia nos mecanismos de controle e correção das sexualidades desviantes.

Mais do que as velhas interdições, esta forma de poder exige para se exercer presenças constantes, atentas e, também, curiosas; ela implica em proximidade, procede mediante exames e observações insistentes, requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissões e de confidências que superam a inquisição (Foucault, 1988, p. 44).

Um foco escolar na sexualidade infantil em que qualquer indício de um corpo afeminado, seguiam-se as investigações, o ritual de confissão, a produção do relatório pedagógico e o diálogo com a família para o acompanhamento médico-psiquiátrico. Dessa forma, o controle sobre o corpo infantil estaria completo, com todas as instituições trabalhando em prol da correção e da cura. Assim, “[...] a obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas [...]” (Foucault, 1988, p. 66).

Além disso, os sujeitos da pesquisa relataram atitudes e comportamentos violentos por parte de professores em suas trajetórias na educação básica, atitudes que destoam do efetivo papel entendido por Paulo Freire que um professor deveria desempenhar dentro do processo educacional.

Segundo Freire (2019), ensinar exige alguns elementos imprescindíveis aos educadores para que o processo de ensino seja verdadeiramente transformador, alguns deles são a ética, o risco, a aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Esses elementos aproximam o educador de uma prática mais humana e fundada no diálogo e na comunicação entre as partes, posturas bem diferentes das apresentadas pelos professores que permearam a educação básica dos sujeitos desta pesquisa.

As experiências destacadas nesse eixo, demonstram lembranças de um tempo histórico que negava o direito de ser de Romeu, Carla, Paulo e Rui, um tempo em que o saber médico aliado aos mecanismos pedagógicos da vigilância, da punição, confissão e observação, definiam o normal do patológico. São narrativas que evidenciam experiências educativas desumanizantes, cruéis, mas que não retiraram desses sujeitos as suas capacidades de resistência, de luta e de esperança na (re)construção de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao introduzirmos este estudo anunciamos, em uma perspectiva freireana, a politicidade de sua temática na compreensão e no reforço de que a sexualidade não é um tema ligado somente a questões pessoais, mas é uma questão social e política, como afirma Louro (2000), pois os padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade são ensinados, construídos socialmente e, nesse processo, se aprende a olhar e a se relacionar com aqueles que não correspondem aos padrões normativos socialmente estabelecidos com base em uma diferença que deve ser eliminada, por isso, não aceita, pois, tem sentido de erro, desvio da norma.

Ancorados em Freire (2000), as narrativas de memórias, as histórias pessoais e as experiências educativas foram aqui apresentadas como denúncia, pois, são histórias que revelam preconceitos, desigualdades, violência, patologização, que nos incomodam, que nos perturbam, que fazem clamarmos por uma formação mais humana e por uma prática educativa que não permita qualquer forma de preconceito e discriminação. Denunciamos a presença de significados históricos que dizem muito sobre a nossa cultura, que demonstram o que se construiu social e historicamente sobre as diferenças. As narrativas destacadas neste estudo nos convidam a refletir sobre o espaço escolar, sobre as relações que nele são estabelecidas, sobre o quanto precisamos adotar uma posição política no nosso fazer educativo, do quanto precisamos pensar em uma nova formação ética e estética.

As experiências educativas de pessoas LGBTQIA+ devem ter visibilidade, para que saiam da indiferença e do silenciamento a que foram submetidas, pois, as experiências educativas destacadas neste estudo apresentam aspectos pontuais que devem ser problematizados para a construção de relações mais justas e democráticas no espaço escolar, onde todos possam ter direito à vida e a se sentirem respeitados pelas suas singularidades, contribuindo, dessa forma, para o respeito às diferenças.

Freire (2000) nos ensina a importância de compreendermos o passado para construirmos um futuro com novas relações e novas formas de organização social, pois, para este autor, o passado deve estar presente em nós como luta pela libertação/emancipação de todos que foram escravizados, discriminados, explorados, aculturados. Este autor também ensina que a educação deve lutar pela equidade, pela convivência com o diferente e não por sua negação.

Devemos ressaltar sempre a responsabilidade social da escola em contribuir para a construção de um futuro que elimine das estatísticas brasileiras os altos índices de crimes contra a população LGBTQIA+, uma educação que considere o direito à vida, o direito de existir como princípio maior, por isso temos que acreditar na capacidade da educação de transformar as pessoas e a realidade, como nos diz Freire (2000) “mudar é difícil, mas é possível”. Encerramos este diálogo com as palavras de Paulo Freire que nos diz que um sonho fundamental que deve ser incorporado aos nossos ensinamentos é o do direito que temos de sermos diferentes em uma verdadeira democracia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. -5. Ed - São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

MEIHY, José Carlos S. B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. – 2. Ed – 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

Rede Brasil Atual. Matéria intitulada: **Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo pelo quarto ano consecutivo**. Publicada em: 12/05/2022. Disponível em: redebrasilatual.com.br/cidadania/. Acesso em: ago. de 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourença de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.